

NILISMO E TECNOLOGIA A PARTIR DE NIETZSCHE E DOSTOIÉVSKI

RAPHAEL R. DE MORAIS¹, LUCIANO S. DO NASCIMENTO²

¹ Estudante do curso técnico de mecânica integrado ao ensino médio, bolsista PIBIC-EM, IFSP, Campus Guarulhos, rapharochem2@gmail.com.

² Estudante do curso de bacharelado em engenharia de controle e automação, bolsista PIBIC-ES, IFSP, Campus Guarulhos, luciano.nascimento@aluno.ifsp.edu.br

Área de conhecimento (Tabela CNPq): 7.01.00.00-4 Filosofia

RESUMO: O projeto, através da interdisciplinaridade entre literatura e filosofia, tenciona desenvolver uma análise das obras e personagens do romancista russo Fiódor Dostoiévski (1821-1881) a partir das ideias e conceitos elaborados pelo filósofo alemão Friedrich Nietzsche (1844-1900). Com base na temática do niilismo, encontra-se uma possível intersecção entre o pensamento dos autores, que parecem debruçar suas ideias na problemática da ausência de sentidos e valores que contaminava o contexto europeu em que os escritores estavam inseridos, e que por sua vez promovia a relativização das tradições morais que haviam sido estruturadas na sociedade ocidental com a ascensão do cristianismo. Dostoiévski, em seus escritos, simboliza a cadeia de pensamento niilista que vinha se intensificando durante o século XIX. Nietzsche, mais adiante, anuncia a morte de Deus, expressando, tal qual Dostoiévski, a crise de valores que se instaurava no período oitocentista. À vista disso, o projeto busca não só investigar a presença do niilismo no passado, como também valer-se dos antídotos frente ao niilismo propostos por ambos os autores. Deste modo, busca-se, com suporte nas lentes de Nietzsche e Dostoiévski, operar um diagnóstico da sociedade ocidental contemporânea, analisando os dilemas éticos emergentes do progresso tecnológico, bem como a presença do niilismo na atualidade.

PALAVRAS-CHAVE: crise; moral; valores; deus; progresso; tecnologia

NIHILISM AND TECHNOLOGY FROM NIETZSCHE AND DOSTOEVSKY

ABSTRACT: The project, through the interdisciplinarity between literature and philosophy, intends to develop an analysis of the works and characters of the Russian novelist Fiódor Dostoevsky (1821-1881) from the ideas and concepts elaborated by the German philosopher Friedrich Nietzsche (1844-1900). Based on the theme of nihilism, there is a possible intersection between the thought of the authors, who seem to focus their ideas on the problem of the absence of meaning and values that contaminated the European context in which the writers were inserted, and which in turn promoted the relativization of moral traditions that had been structured in Western society with the rise of Christianity. Dostoevsky, in his writings, symbolizes the nihilistic chain of thought that had been intensifying during the 19th century. Nietzsche, later on, announces the death of God, expressing, like Dostoevsky, the crisis of values that was taking place in the eighteenth century. In view of this, the project propose not only to investigate the presence of nihilism in the past, but also to make use of the antidotes to nihilism proposed by both authors. In this way, it seeks, with support from the lenses of Nietzsche and Dostoevsky, to operate a diagnosis of contemporary Western society, analyzing the ethical dilemmas emerging from technological progress, as well as the presence of nihilism at present.

KEYWORDS: crisis; moral; values; god; progress; technology.

INTRODUÇÃO

O conceito de niilismo, derivado do latim **nihil** – que, em suma, significa vazio, nada –, ao longo do processo de desenvolvimento histórico da sociedade ocidental, desdobrou-se de diversos modos, adquirindo diferentes significados, sendo utilizado até mesmo durante a Revolução francesa para se referir aos indivíduos que não tomavam partido frente ao movimento (PECORARO, 2007). Contudo, foi a partir da utilização do conceito no interior da literatura russa e, posteriormente, em outros países da Europa oitocentista que o niilismo passou a ser, de fato, intensamente difundido – não só no campo das ideias, mas, sobretudo, enquanto agente influenciador de toda uma cultura, interferindo diretamente do comportamento e ações dos indivíduos. Nesse contexto, o niilismo passa a ser compreendido como a rejeição e o abandono a todo e qualquer princípio moral e ético pré-estabelecido pela sociedade. O niilismo, assim sendo, se caracterizaria por rejeitar a própria existência à medida em não visualiza nela sentido algum. Em outras palavras, o niilismo, nesse período, é entendido como uma corrente de pensamento que, por reduzir a existência ao nada – visualizá-la sem razão de ser – nega os valores morais e as tentativas de conferir uma explicação à vida, voltando-se a ela de modo hostil e/ou indiferente.

Diante desse cenário, o pensador alemão Friedrich Nietzsche e o romancista russo Fiódor Dostoiévski se valem do conceito, abordando-o de um modo inédito até então. Deste modo, ambos os autores, ao utilizarem o conceito de niilismo como meio de simbolizar e expressar suas ideias, teorizaram e sistematizaram o niilismo, tornando-se, por conseguinte, referências essenciais ao abordar a temática, que se mostra como um elemento imprescindível no processo de compreensão acerca dos fatores que levaram a construção da cultura ocidental tal como a conhecemos.

Dostoiévski, escritor assumidamente cristão, aparenta entender o niilismo como uma potente força aniquiladora e destruidora da qual a humanidade deve evitar, sobretudo, por meio do cultivo de valores assentados na fé cristã, em especial a solidariedade e o amor ao próximo. Nietzsche, inicialmente, aproxima-se de Dostoiévski na medida em que concebe o niilismo como uma intensa força destruidora e negadora de tudo. Entretanto, o pensador alemão visualiza na destruição a possibilidade de criação. O meio de superar o niilismo seria, nessa perspectiva, reinterpretando-o. O humano, sendo assim, é retirado do estado de passividade ou reatividade e passa a ser ativo, criador e pintor do quadro de sua própria existência, superando o homem e alcançando o **Übermensch** (além-do-homem/super-homem).

A partir da investigação das noções desenvolvidas pelos autores, verifica-se, que a problemática do niilismo se faz presente ainda na contemporaneidade à medida em que, como apontado por Jelson (2020), parte dos desenvolvimentos tecnológicos não são orientados por deliberações éticas e, portanto, são carentes de sentidos e significados, motivados meramente por interesses econômicos, ou ainda, pela tentativa de fugir das condições nas quais a vida desenvolveu-se até então. Deste modo, nota-se que o pensamento crítico de Nietzsche e Dostoiévski em relação à modernidade ainda se faz vívido, uma vez que se apresenta como um direcionamento rumo à superação da ambiência niilista.

MATERIAL E MÉTODOS

Métodos: Exegese textual, caracterizada pela leitura seguida de fichamentos e relatórios. Além disso, foram realizados encontros semanais entre o coordenador do projeto e o estudante bolsista. Por fim, também houveram conferências e reuniões virtuais por meio da plataforma RNP, buscando desenvolver uma reflexão conjunta acerca dos conceitos, problemas e ideias dos autores abordados pelo projeto, bem como orientações para o desenvolvimento de produções escritas.

Materiais: Foram utilizados livros e artigos, tanto impressos como também digitais – em formato PDF.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As investigações e análises das obras de ambos os autores, tendo como ponto de partida a temática do niilismo, demonstram que, a princípio, há uma grande ruptura entre eles: Dostoiévski, diagnosticando que os valores cristãos enfrentavam uma grande e intensa crise e que, portanto, estavam enfraquecendo, rumando a um caminho que, fatalmente, acarretaria na morte de Deus, enxerga o cenário

européu oitocentista como um perigo iminente. Os avanços promovidos pela modernidade, as relativizações de questões que outrora se faziam fixas, na perspectiva do autor, certamente encaminhariam a humanidade em direção ao caos. Com a humanidade órfã, isto é, ausente da figura paterna de um Deus cristão, que estabelece de partida o que é o Bem e o que é o Mal, nada impediria que atrocidades, crimes e assassinatos acontecessem com naturalidade, pois não haveria um referencial absoluto, o que, necessariamente, lançaria os humanos em um abismo. Essa noção é simbolizada pela frase “Se Deus não existe tudo é permitido? ”, que comumente é associada à obra “Os irmãos Karamázov”, de Dostoiévski.

(...) destruindo-se nos homens a fé em sua imortalidade, neles se exaure de imediato não só o amor como também toda e qualquer força para que continue a vida no mundo. E mais: não haverá mais nada amor, **tudo será permitido**, até a antropofagia. (...) para cada indivíduo particular (...) que não acredita em Deus nem na própria imortalidade, a lei da natureza deve ser imediatamente convertida no oposto total da lei religiosa anterior, e que o egoísmo, chegando até o crime, não só deve ser permitido ao homem, mas até mesmo reconhecido como saída indispensável, a mais racional e quase a mais nobre para sua situação. (DOSTOIÉVSKI, 2008, p. 109-110, grifo nosso)

Nietzsche, contudo, visivelmente procura afastar-se de propostas que tenham como base a esfera religiosa e seus valores. Para o pensador, na verdade, a moral tradicional estabelecida pelos dogmas cristãos – diagnosticada, ainda de modo embrionário, na filosofia de Sócrates e Platão, de acordo com Nietzsche – é um dos fatores fulcrais para a efetivação e consolidação do niilismo, que nesse caso se caracterizaria por ser hostil à própria existência humana. A partir de restrições e negações das paixões, a tirânica moral tradicional teria sido responsável por construir um tipo humano habituado à servidão, passivo diante da realidade, que nega a si e o mundo à sua volta em nome de uma possibilidade de transcendência.

À vista disso, Nietzsche propõe a filosofia à golpes de martelo¹ como meio de superar o niilismo e potencializar a existência humana. O martelo faria alusão à destruição de estátuas, de valores, do rompimento com a nociva tradição moral. Para além disso, o martelo exprime a criatividade do artesão que esculpe, através do uso da ferramenta, novos contornos, novas formas, que cria a realidade à sua volta, engendrando uma nova cultura e, portanto, novos valores afirmativos diante da realidade, abrangendo-a de modo integral. Deste modo, o pensador sugere o desenvolvimento de uma nova cultura que não fuja da instabilidade da realidade, que afirme o incerto e lide com ele, afinal, a própria vida, em alguma medida, se caracterizaria pela constante mudança. Além disso, um ponto central das teses nietzschianas é a afirmação da própria condição natural humana, que passara a ser compreendida como má pelas tradições morais, que, de acordo com Nietzsche, visualizam de modo errôneo os instintos e paixões como doenças: “Que seres desagradáveis estas pessoas em que toda tendência natural se torna rapidamente doença, algo deformante ou mesmo ignomínia! São elas que nos fazem acreditar que as inclinações naturais, os instintos do homem são maus; são elas a causa da nossa injustiça para com a nossa natureza!” (NIETZSCHE, 2011, §294). A partir da ruptura com essa noção, o humano estaria rumo à construção de novos valores.

Entretanto, apesar do distanciamento entre os autores no que se refere à superação da ambiência niilista, bem como o papel que a religião desempenhara nesse processo, os escritores demonstram, em seus pensamentos, um significativo ponto em comum: a crítica à noção de progresso e aos valores – ou ausência destes – na cultura ocidental moderna. Dostoiévski, como já apontado, propõe a retomada aos valores cristãos, pois estes forneceriam sustento à existência humana, delimitando, portanto, os limites do agir moral. Por meio das pistas do autor, percebe-se uma crítica ao avanço científico, uma vez que este, em alguma medida, aparentava um desenvolvimento desassociado de ponderações morais a fim de regular as ações humanas. Sem regulamentação moral, Dostoiévski parece concluir que a humanidade inevitavelmente aniquilar-se-ia, como o autor demonstra ao atribuir um final trágico ao romance Os irmãos Karamázov, o que decorre das relativizações niilistas propostas por Ivan Karamázov. No conto O sonho de um homem ridículo, no entanto, o personagem que ao início se

¹ Referência ao título de sua obra “Crepúsculo dos Ídolos, ou como se filosofa com o martelo”, publicada originalmente em 1889.

mostrava indiferente em relação à sua própria vida, decidido, portanto, a suicidar-se, ao fim encontra sua redenção à medida em que reconhece a importância de amar e solidarizar-se com o próximo: “O principal é – ame aos outros como a si mesmo, eis o principal, só isso, não é preciso nem mais nem menos: imediatamente você vai descobrir o modo de se acertar” (DOSTOIÉVSKI, 2002, p. 54).

O pensamento de Nietzsche, que propõe uma reconstrução da cultura e dos valores da sociedade ocidental, também direciona críticas à noção de progresso. Para o autor, o modo como a ciência e a tecnologia desenvolviam-se até então, se configurava de modo tão nocivo quanto os dogmas religiosos. Na verdade, a ciência e o progresso teriam sido os substitutos que a humanidade teria encontrado para ocupar o altar que outrora pertencia à figura de Deus. A humanidade, sendo assim, longe de ter superado a religiosidade, estaria mais carente dela do que nunca. Buda já não estaria na caverna, mas sua sombra ainda se faria presente (NIETZSCHE, 2011, §108). É o que Nietzsche simboliza no aforismo 125 de A Gaia Ciência, em que o pensador afirma que o peso de ter assassinado Deus nos é demasiado pesado.

(...) O homem louco se lançou para o meio deles e trespassou-os com seu olhar. ‘Para onde foi Deus’, gritou ele, ‘já lhes direi! Nós o matamos – vocês e eu. Somos todos seus assassinos! (...). Como havemos de nos consolar, nós, assassinos entre os assassinos! O que o mundo possuía de mais sagrado e de mais poderoso até hoje sangrou sob o nosso punhal; quem nos limpará este sangue? (...) A grandeza desse ato é demasiado grande para nós. (NIETZSCHE, 2011, §125)

Deste modo, os humanos ainda seriam hostis para com sua própria existência, pois teriam deixado de buscar salvação na metafísica, para procurar consolo na ciência, ou ainda, fariam uma leitura metafísica e idealista da própria ciência, da razão e do progresso, quando, de acordo com Nietzsche, o mais sensato seria aceitar e afirmar a existência, tornando-se o pintor do quadro de sua própria vida, valendo-se do horizonte dos afetos e da instabilidade para criar.

Tendo em vista o intenso progresso tecnológico e científico que vem ocorrendo durante as últimas décadas, pode-se facilmente notar que as intervenções e criações humanas possuem muita potencialidade. À vista de tamanha potencialidade, surge a demanda ética e moral de colocá-la na direção correta, pois sem um direcionamento, a potência que surge, de partida, para melhorar a vida, pode também a aniquilar. A partir desses registros, o pensamento de Nietzsche, bem como o de Dostoiévski, podem ser excelentes ferramentas para operar essa orientação ética do desenvolvimento tecnológico, dado que ambos os autores conduziram críticas às mudanças operadas pela modernidade.

As pistas de Dostoiévski parecem sugerir que executar um movimento de avanço racional puramente técnico, sem analisar os dilemas éticos referentes a esse movimento, pode gerar frutos extremamente desastrosos. Com isso, pode-se inferir que uma conduta mais sóbria e prudencial seria, tal como proposto por Hans Jonas (1903 – 1993), o estabelecimento de um desenvolvimento da técnica de modo conjunto com a ética, de maneira que esta regule e direcione o progresso científico, prevenindo-se de posições radicais que busquem anular a tecnologia ou superestimá-la.

Nessa perspectiva, à filosofia da tecnologia deveria ser acrescentada uma ética, como seu complemento necessário, a fim de evitar as duas posições radicais (e, de alguma forma, ingênuas) com a qual a tecnologia é tratada, seja a tecnofilia, seja a tecnofobia, assumidas sucessivamente, nas palavras de Borgmann, como instrumentalismo e como determinismo (...). Tal correção, portanto, exige uma posição intermediária, capaz de lidar com a ambiguidade desse fenômeno. (JELSON, 2020, p.76)

Deste modo, tal como propôs Nietzsche, a ciência e o progresso não devem ser concebidos como ídolos, as quais deveríamos nos curvar, esperando que com isso a existência se torne isenta de dificuldades e sofrimento, afinal, essa postura é tão utópica quanto ingênuo. Em última instância, o desenvolvimento tecnológico, a partir das lentes de Nietzsche e Dostoiévski, deve se dar de modo conjunto com deliberações éticas e valorativas, que busquem melhorar de modo integral as condições da vida – seja ela humana ou não – e, portanto, significando-a, em alguma medida. Assim, no que se refere ao desenvolvimento e usos da tecnologia, de modo que ela não se torne um elemento de intensificação do niilismo e conseqüentemente de aniquilação da vida, uma postura ética e prudencial, tal como propôs Hans Jonas, torna-se urgente.

CONCLUSÕES

Ao apurar a presença do niilismo nas obras de Nietzsche e Dostoiévski, nota-se, em um primeiro momento, um grande contraste em relação às perspectivas e ideias que os autores levantam. À medida em que Dostoiévski concebe a religiosidade como meio de superação do niilismo, dado que os valores metafísicos e transcendentais forneceriam sustento e regulamentação às ações da humanidade, Nietzsche visualiza que é justamente na tradição moral que diagnosticamos as causas do niilismo, uma vez que a moralidade tirânica acaba por enfraquecer a pulsação responsável por promover e intensificar a existência, o que decorre, em última instância, da negação das paixões.

Contudo, os pensadores se aproximam no instante em que visualizam como problemática a configuração social que a modernidade implementara na sociedade ocidental. A noção moderna de progresso, longe de apresentar-se como um melhoramento integral das condições humanas, muitas vezes é colocada como um substituto da figura divina. Além disso, buscar aprimorar a tecnologia sem antes significá-la pode ser desastroso, uma vez que os valores éticos e morais atuam como agentes norteadores das ações humanas, direcionando de modo prudente a potencialidade racional e criadora presente na humanidade e que, nesse contexto, é expressa por meio de desenvolvimentos tecnológicos. Como constatamos, o desenvolvimento científico e tecnológico, quando não dirigido pela ética, pode não promover o suposto melhoramento e progresso humano, mas, em verdade, e na direção oposta disso, abrir espaço para o empobrecimento, desertificação e aniquilação da vida.

AGRADECIMENTOS

(Autor 1): Em primeiro lugar, gostaria de agradecer à minha família e à minha namorada por estarem sempre comigo, tornando o ato de dizer “sim” ao Eterno Retorno não só fácil, como também prazeroso. Além disso, gostaria de agradecer ao professor-orientador por possibilitar o desenvolvimento do projeto, além de inserir-me e direcionar-me nesse incrível mundo da Filosofia. Ademais, agradeço ao CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) por fomentar e promover a pesquisa e, deste modo, tornar possível a realização deste projeto.

(Autor 2): Agradeço em especial ao meu orientador: ao Professor Dr. João Eduardo Navachi da Silveira, pela orientação essencial para a realização desse artigo e por toda contribuição intelectual a minha formação como discente-pesquisador. Agradeço ao grupo de estudos GEFIL pela contribuição e pelo debate no campo da Filosofia e na troca de ideias. Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pela Bolsa e oportunidade de participar nessa iniciação científica. Agradeço, também, à instituição IFSP Campus Guarulhos pelo suporte em suas dependências.

REFERÊNCIAS

- DOSTOIÉVSKI, F. Duas narrativas fantásticas. Tradução de Vadim Nikitin. São Paulo: Editora 34, 2002.
- DOSTOIÉVSKI, F. Os irmãos Karamázov. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2008.
- JELSON, R. Niilismo e tecnologia. *Filosofia Unisinos – Unisinos Journal of Philosophy*, n.21, p.72-78, jan/apr 2020. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/filosofia/article/viewFile/fsu.2020.211.07/60747688>>. Acesso em: 06 de set. 2020.
- NIETZSCHE, F. A Gaia Ciência. Tradução: Paulo César de Souza. Companhia das Letras, 2011.
- NIETZSCHE, F. Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- NIETZSCHE, F. Assim falou Zarathustra. Tradução: Paulo César de Souza. Companhia das Letras, 2011.
- NIETZSCHE, F. Crepúsculo dos ídolos. Tradução: Paulo César de Souza. Companhia das Letras, 2007.
- NIETZSCHE, F. Ecce Homo. Tradução: Paulo César de Souza. Companhia das Letras, 2008.
- PECORARO, Rossano. Niilismo. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2007
- SOUZA, Cláudia. Nietzsche e Dostoiévski. 1. ed. Lisboa: Apenas Livros, 2016.